

Discurso e Intolerância: enfraquecimento das minorias no *Facebook*

Fernanda Silva Leite

Resumo: Este estudo tem por objetivo examinar, à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC), o enfraquecimento de minorias sociais excluídas por meio de textos postados no Facebook para atestar o caráter excludente das críticas observadas nos estudos de caso e na própria construção social. Nesse sentido, a análise baseia-se, principalmente, nos trabalhos de Fairclough (2001) e Thompson (1998), para analisar charges divulgadas no Facebook que têm como foco a discriminação de minorias sociais para explicitar as ideologias nelas presentes. Essa análise é realizada com o intuito de constatar o esforço pelo enfraquecimento das minorias nessa rede social.

Palavras-chave: Minoria; Facebook, Análise do Discurso Crítica.

Abstract: The studies aims to examine the weakening of minorities through texts posted on Facebook and, finally, attest to the exclusive nature of the criticism observed in the case studies and the social construction. In this sense, the analysis is based on the authors Fairclough and Thompson, in order to notice the growing weaknesses in this social network..

Key-Word: Minorities; Facebook; Discourse analysis

Introdução

Em razão do modelo comunicativo contemporâneo, as redes sociais transformaram a internet em um reflexo da sociedade. Como a prática discursiva contribui para a representação social, o acesso às informações e às propagandas, rapidamente, a internet englobou a totalidade do mundo, inteirando a todos que estejam ligados a ela. O homem agora é capaz de não só reafirmar um discurso, como também articular uma nova voz: a voz cibernética. Tal meio cibernético apodera-se, por sua vez, de elementos sociais, de relações coletivas, de elementos culturais e das relações de poder.

No Brasil, o número de pessoas que têm acesso às redes sociais é o maior do mundo, o que representa um traço comum a todos os níveis da hierarquia social brasileira. No entanto, os preconceitos e a cegueira moral fazem parte dessa cultura virtual, assim

como na realidade cotidiana. Há uma tendência a articular processos comunicativos menos públicos em interações exercidas na internet, sobretudo no *Facebook*, a maior plataforma social na internet.

No contexto dessa sociedade vinculada à rede, são muito frequentes as queixas que apontam o caráter excludente e preconceituoso de uma minoria e, dessa forma, acarretam o aumento, a cada ano, de denúncias, as quais acontecem, às vezes, por meio de discursos velados e, em outras, como forma declarada de violência, reflexo das diversas ideologias que a sociedade difunde.

O presente estudo objetiva aprofundar-se sobre o enfraquecimento dos grupos minoritários na rede social *Facebook*, por meio do discurso de ódio, discurso difamatório e, além disso, analisar como essa discriminação virtual está articulada. Pretende observar os elementos ideológicos e as relações de poder estabelecidas na rede, em que se destacam alguns exemplos de intolerância, capazes de mostrar como as minorias ainda são coletividades reprimidas.

Esses aspectos são entendidos a partir dos processos históricos de perseguição, discriminação e resistência que atingem minorias sociais, os quais resultam em diversas formas de desigualdade, desvantagem e exclusão.

Essa análise se inicia pela delimitação dos conceitos teóricos e pela relação entre os aspectos sociais e o discurso utilizado na rede. Charges representativa dos eventos sociais, abordando as minorias, foram coletadas do *Facebook* com o intuito de serem o objeto da análise de dados, averiguados juntamente com as bases teóricas.

Primeiramente, o contexto da ontologia é apresentado e, logo após, a teoria social do discurso e outras definições serão introduzidas pela perspectiva da Análise do Discurso Crítica (ADC). Alguns teóricos da área serão abordados para servirem de base para a análise das charges selecionadas e, ao final, a conclusão é alcançada por meio dos elementos destacados previamente para o desenvolvimento da pesquisa.

O tema sobre essa questão social foi eleito ao observar-se uma preocupação ainda insuficiente da população em extinguir os preconceitos e solidarizar-se com a causa das minorias, motivo tal que reafirma tanto o enfraquecimento da luta por direito desses grupos - e também direitos igualitários -, quanto a propagação da exclusão. A atenção e conscientização não é tão efetiva, na medida em que não há um ato prático em favor das

minorias, devido a uma mentalidade enrijecida e a uma intransigência às diversidades, observadas não só no cotidiano do povo brasileiro, como também nas redes sociais. E por isso que o tema faz-se necessário em ser abordado.

Em se tratando da sistematização aqui proposta e pelos exemplos coletados do *Facebook*, o estudo aprofunda-se mediante às leituras teóricas e, posteriormente, às análises dos casos selecionados. A base teórica é advinda das pesquisas do linguista inglês Norman Fairclough. Elas referem-se à Análise de Discurso Crítica, apoiadas em uma área de estudos que examina a influência das relações de poder, a partir do conteúdo e da estrutura dos textos, sobretudo, dos midiáticos. Retratam também o lugar da linguagem nas relações gregárias como parte integrante dos processos de mudança social. Ou seja, o foco de sua pesquisa científica é a mudança social a partir da mudança discursiva, no ponto em que uma implica a outra mutuamente, (FAIRCLOUGH, 2001). Os exemplos retirados da plataforma do *Facebook* permitem a percepção de quanto esse processo observado por Fairclough é capaz de “reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem” (FAIRCLOUGH, 1991, p. 89)

A essa análise interessam também as ideias do sociólogo John B. Thompson, no que se refere às relações de poder. A concepção crítica de ideologia permite o emprego de categorias e a percepção de quanto esse processo é capaz de assegurar relações hegemônicas de dominação contra as minorias, na medida em que concede ao discurso novas categorias e carrega certas formas de diferenciação social. O discurso é fruto sobretudo das relações de poder e de criações ideológicas, que, dissimuladas, incorporam as identidades sociais, as relações sociais, os sistemas de conhecimento e crenças e tornam-se eficazes (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Fairclough e a Análise de Discurso Crítica

A ADC tem seu início com a realização de um simpósio científico em Amsterdã em 1991. Sendo a ocasião importante reunião de diversos pesquisadores e estudiosos, que, durante dois dias, discutiram e confrontaram suas perspectivas a cerca da análise do discurso. Um desses pesquisadores, um linguista britânico, teve destaque fundamental para o desenvolvimento teórico da ADC, Norman Fairclough. Professor emérito da

Universidade de Lancaster, dedica sua vida ao estudo da análise do discurso, pontuando a possibilidade de duas distintas maneiras de analisar o discurso, de forma crítica e não-crítica (FAIRCLOUGH, 2001). Essa divisão não é absoluta, por isso é importante destacar como as abordagens críticas são mencionadas por ele:

As abordagens críticas diferem das abordagens não-críticas não apenas na descrição das práticas discursivas, mas também ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 31).

Ao contrário do uso de linguagem proposto por Saussure, o uso de linguagem para a ADC é moldado no contexto social, não no individual - como é observado no exemplo dado e criticado por Fairclough entre a dicotomia *parole* e *langue* (FAIRCLOUGH 2001). Também Emília Pedro (1998) demonstra a relativização do momento da prática linguística, citando Penycook (1994) em razão do discurso como momento linguístico e o uso da linguagem em si, como momento de pura prática discursiva.

Fairclough propõe usar o termo discurso para designar “o uso de linguagem como forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p.90), o que implica tomar o discurso como um meio de ação e admitir que sua relação com a estrutura social é, sobretudo, dialética. Em outras palavras, o social constitui o discurso e é por ele constituído. Considerá-lo nessa reciprocidade implica uma relação entre um conjunto de discursos particulares e uma determinada situação social. E o escopo dessa relação entre discurso e sociedade é o poder. Torna-se aqui essencial a influência de Gramsci (1971) para essa abordagem e de Foucault, originada de sua obra *Ordem do Discurso*.

Segundo Pedro (1998), o discurso é entendido a partir de sua importância na vida individual e coletiva, (PEDRO, 1998, p.19) sendo imprescindível sua sistematização. Sua abordagem engendra uma concepção em que o contexto é extremamente importante, localizando “o sujeito não como agente processual com graus relativos de autonomia, mas como sujeito construído por e construindo os processos discursivos a partir da sua natureza de actor ideológico.”. Apoiada em Kress (1990, p.85), resume esses conceitos em

“linguagem como prática social, do texto como produto social, dos falantes como diferente e diferencialmente localizados e dos significados como produtos das relações sociopolíticas”. Ou seja, trata-se da construção de modos de funcionamento da nomenclatura de seres e objetos; da própria “verbalização” das coisas.

Percorrendo o trabalho arqueológico e genealógico de Foucault, Fairclough (2001), em *Discurso e Mudança Social*, identificou valorosas considerações sobre o discurso, entre as quais, as principais apontam para a natureza constitutiva do discurso: o discurso constitutivo da sociedade, o cunho interdiscursivo e intertextual das práticas discursivas – os textos sempre recorrem a outros textos –, o poder como prática discursiva, o discurso como prática política – entra aqui a ideologia e seus aspectos –, e a mudança social dialética com a mudança discursiva.

Dessa maneira, as relações de poder estão diretamente relacionadas com os discursos, não sendo elas sobrepostas umas às outras, possuindo, assim, relações conjuntas e intercaladas. Por isso, é de extrema importância a compreensão do objeto de análise, assim o do discurso considerado “momento integrante e irreduzível das práticas sociais que envolve a semiose/linguagem em articulação com os demais momentos das práticas: fenômeno mental, relações sociais e mundo material” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p.16)

A prática discursiva, portanto, manifesta-se em formato linguístico, textos e a prática social são uma dimensão de evento discursivo. Assim, a análise de um discurso prioriza: estabelecer conexões entre os modos de organização e a interpretação textual, como, por exemplo, os textos são produzidos, distribuídos e consumidos.

Fairclough (2001) apresenta um método para verificar essa sistematização. A Teoria Social do Discurso estabelece um modelo tridimensional do discurso em que qualquer aspecto textual é elemento significativo na análise do discurso. Esta concepção tridimensional é representada na figura 1:

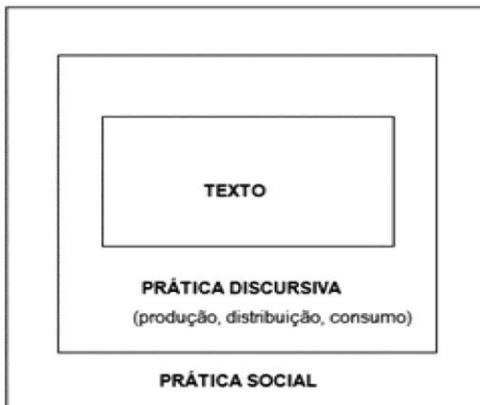


Figura 1: Concepção Tridimensional do Discurso (FAIRCLOUGH 2001, p. 101)

A primeira dimensão é o texto. Os elementos reunidos no quadro constituem um sistema para análise textual, organizados ainda em segmentações: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

Para a análise do discurso é proposta a divisão em três partes compostas pelos enunciados, pela coerência dos textos e pela intertextualidade. A segunda dimensão é prática discursiva. O discurso é uma forma de prática social e, por isso, constituído socialmente pela estrutura da sociedade. Assim, a natureza dos diferentes tipos de discurso e a inserção dos fatores sociais varia na prática discursiva que envolve o processo de produção, distribuição e consumo textual. Conforme exposto, o processo de produção é realizado de forma particular em contexto social específico e dependendo do contexto social. O contexto social implicará, também, a forma como o texto será consumido, podendo ser esse consumo individual ou coletivo. Os consumidores, os receptores, os ouvintes e os destinatários do texto são determinantes na distribuição que poderá ocorrer de forma simples ou complexa.

Para Fairclough (2001), a produção de um texto ocorre de forma inconsciente, formatado por estruturas sociais que já estão instaladas e, de certa maneira, são revestidas política e ideologicamente. Os processos de produção e interpretação são socialmente restringidos: de um lado, pelos recursos internos disponíveis,- as estruturas sociais estabelecidas-, de outro, pela natureza específica da prática social na qual o indivíduo está inserido.

Na produção, o que é enunciado pelo discurso tem o poder de ratificar, confirmar ou legitimar o que foi dito. Nessa perspectiva, Fairclough (2001) institui o contexto da

situação como um dos aspectos sociocognitivos da produção e da interpretação. Para interpretar um enunciado, considera-se uma inter-relação entre pistas e recursos dos membros.

Por fim, a terceira dimensão, do quadro acima, é a prática social. Para Fairclough (2001), a produção da linguagem como prática social, não só reproduz as práticas sociais, mas também transforma essas práticas. Nessa concepção, o discurso passa a ser visto como ação social com relações de ideologia e poder.

Os estudos do discurso tornam-se contextualizados e inseridos no âmbito social. Caracterizam a necessidade de teorias que corroborem para a análise do material discursivo. A fim de fornecer metodologia sintetizada para questionar as formas do texto, nos atentaremos para uma outra abordagem científica, a qual envolve estratégias que, explicadas por Thompson (1998), constituem o texto com o intuito de reafirmar as relações de poder.

Em *Análise do Discurso (para a) Crítica*, a Análise de Discurso Crítica é considerada “uma abordagem científica interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social”(RESENDE & RAMALHO, 2006, p12), sendo que ela tem como foco a funcionalidade da linguagem na sociedade. Por isso, está centrada na prática do discurso, tendo ligação direta com os estudos da linguagem e das ciências sociais.

Resende e Ramalho (2006) também pontuam algo de grande importância: a palavra *crítica*, em ADC, se dá por sua direta relação com o engajamento pertencente à "ciência social crítica", que visa oferecer suporte científico para a crítica presente nos problemas sociais que vinculam as relações de poder e controle. Logo, tanto em *Análise do Discurso (para a) Crítica* quanto em *Discurso e Mudança Social*, são introduzidas ao estudo social da linguagem novas metodologias teóricas capazes de definirem a sistematização do discurso.

Não se trata de um estudo especificamente sociológico, nem de uma abordagem puramente linguística dos textos. Essa teoria, como um todo se insere no limiar entre esses dois pontos, buscando a relação do elemento linguístico que se entrelaça ao elemento social. O foco de sua pesquisa científica em ADC é a mudança social a partir da mudança discursiva, no ponto em que uma implica a outra mutuamente.

Do discurso para a Ideologia

Como anteriormente tratado, a Ideologia, juntamente das relações de poder, são artifícios importantes de análise nessa pesquisa. John B. Thompson (1998) adota a perspectiva crítica da Análise de Discurso Crítica, na qual a ideologia é um conceito fundamentalmente negativo. Pode ser instrumentalizada e sua semiótica utilizada à luta de poder, sendo assim “uma das formas de se assegurar temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de um mundo como se fosse a única possível e legítima” (RAMALHO & RESENDE, 2011, p.25) e seu sentido serve necessariamente “para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 1998, p. 77).

Retomando Fairclough (2001), também é destacado por Thompson (1998) que a ideologia é mais eficaz quando sua ação é menos visível, podendo perder seu senso comum e funcional ideologicamente no momento em que o sujeito se conscientiza a cerca da “desigualdade de poder”. São de grande importância as correlações estabelecidas entre a ADC e a teoria crítica de ideologia de Thompson (1998) e não apenas suas similaridades. O autor indica cinco modos *gerais de operação da ideologia*, ligadas às estratégias típicas de construção simbólica, são eles:

1. Legitimação: relações de dominação são representadas como legítimas.
 - 1.1. *Racionalização*: uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações.
 - 1.2. *Universalização*: interesses específicos são apresentados como interesse gerais.
 - 1.3. *Narrativização*: exigências de legitimação são inseridas em histórias do passado que legitimam o presente.

2. Dissimulação: Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas.
 - 2.1. *Deslocamento*: deslocamento contextual de termos e expressões.
 - 2.2. *Eufemização*: valorização positiva de instituições, ações ou relações.
 - 2.3. *Tropo*: sinédoque, metonímia, metáfora.

3. Unificação: Construção simbólica de identidade coletiva.
 - 3.1. *Padronização*: adoção de formas simbólicas para construir uma identidade coletiva.

3.2. *Simbolização da Unidade*: construção de símbolos de unidade e identificação coletiva.

4. *Fragmentação*: Segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante, para que não reclamem por direitos e igualdade.

4.1. *Diferenciação*: ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo.

4.2. *Expurgo do Outro*: construção simbólica de um inimigo para fragmentá-los, promovendo conflitos inexistentes, a fim de não se fortaleçam pela união.

5. *Reificação*: Retratação de uma situação transitória como permanente e natural.

5.1. *Naturalização*: criação social e histórica tratada como acontecimento natural.

5.2. *Eternalização*: fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes.

5.3. *Nominalização/Passivação*: concentração de atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações.

As ideias e os conceitos vistos acima são fundamentais para a elaboração da análise que desenvolvemos. Para pesquisa de cunho sociais, as propostas críticas da ADC por Fairclough (2001) e também a perspectiva crítica acerca da ideologia, articulada por Thompson (1998), são fundamentais para identificar e apontar as relações de poder exercidas em discursos. Com grande influência, a percepção desse processo de categorização é capaz de assegurar relações hegemônicas de dominação, na medida em que concede ao discurso novas classificações e uma carga de diferenciação social. O discurso é fruto sobretudo das relações de poder e das criações ideológicas, que dissimuladas, incorporam as identidades sociais, as relações sociais, os sistemas de conhecimento e as crenças.

E, portanto, um dos objetivos dessa análise crítica do discurso é denunciar a manutenção, a produção e a reprodução de discurso de domínio de uma elite. Com um poder simbólico e assegurado por determinado grupo, que possui controle simbólico sobre os demais, ligados pela estrutura social (PEDRO, 1998). O principal motivador desse sistema hierárquico são os atores sociais, os quais acabam por manter a organização das

representações dos papéis de cada indivíduo no social (VAN DIJK, 1993), resultando, assim, na própria construção de uma estrutura social.

A relação entre discurso e poder é labiríntica, porém, nessa pesquisa, será abordada de maneira breve. Os atores sociais mais poderosos são aqueles que possuem os instrumentos e os recursos para prever e persuadir ações e mentes dos demais. No entanto, como as ações são controladas mentalmente, o poder, em sua maioria, implica, antes de tudo, o controle da mente, que é exercido por meio do discurso, especialmente do discurso público das elites midiáticas e políticas. (VAN DIJK, 1993)

Dessa forma, Fairclough recorre a Gramsci, a fim de reafirmar o conceito categórico da hegemonia, como resultados das relações teóricas estabelecidas, citada também em Thompson (1993). Trazendo para a conjuntura propiciada pela modernidade tardia, esses efeitos são gerados também sobre a própria prática discursiva das instituições, o que cria fenômenos como a valorização dos eventos de letramento, a luta ideológica na produção do discurso e no conflito de sentidos entre igualdade e diferença. Concluído esse levantamento teórico, passemos ao detalhamento da metodologia de análise.

Metodologia

Trataremos os aspectos metodológicos que sustentam a ADC de forma que seja possível entender a aplicação da fundamentação teórica na análise. Um dos fatos primordiais para essa análise é entender como o fator disseminação está presente nesse contexto.

Nos meios de comunicação, as construções discursivas sobre as minorias mobilizam temáticas e debates: são estabelecidos conflitos, entrelaces entre saberes e enunciações pertencentes a diversas áreas do social. Consideramos tais áreas como um espaço com autonomia relativa em relação a outras áreas, cada qual com uma lógica de funcionamento própria, incluindo hierarquias, regras, valores e conteúdos específicos.

A seguir, levaremos em conta Van Dijk (2012) e a sua *Teoria Sociocognitiva de Contexto*. Ela conta como uma forma para prever o contexto, o qual mostra-se um paradigma mental concretizado por meio de eventos sociocomunicativos que são armazenados na memória dos atores sociais. É importante ressaltar que esse modelo de

contexto provém de uma seleção rigorosa acerca de um padrão capaz de controlar a produção de discurso.

Dessa maneira, esses paradigmas são estruturados de forma tal que a memória social seja responsável pelos eventos como as experiências cotidianas subjacentes à memória, que gere os gêneros do discurso e as representações sociais, adequando e moldando o comportamento do ator social. Isso justifica o fato de que a memória social é estabelecida por modelos de contexto que, uma vez ativados de forma relevante pelo discurso, controlam a cognição humana.

O discurso da mídia possui papel fundamental na constituição dos papéis sociais, por meio da memória social. Referindo-se às sociedades contemporâneas, van Dijk (1991) atribui à mídia um controle quase exclusivo sobre as construções simbólicas com as quais se cria o consenso popular, especialmente no que diz respeito às relações étnicas.

Tal reprodução estará ligada à perpetuação dos papéis dos atores sociais por meio tanto do resgate da estrutura social na memória quanto da reafirmação de imagem desses indivíduos, os quais são impossibilitados de sobressaírem-se de suas condições determinadas.

A manipulação ideológica operada no *Facebook* vincula-se, portanto, a um processo mais amplo de luta motivada por questões relacionadas ao poder como o poder de controlar a representação dos atores sociais, a manifestação das vozes dos participantes no interior do discurso, os assuntos que vão ser priorizados e o destaque dado a eles etc.

Portanto, a metodologia utilizada para fim de análise do material coletado será fundamentado nos conceitos básicos estudados em Fairclough (2001), - tais como o discurso, a ideologia e a hegemonia - e nas estratégias típicas para construção simbólica, abordadas por Thompson (1998), listadas anteriormente, com enfoque para a *fragmentação* e *naturalização*. Outros autores como van Dijk (1994), Pedro (1994), Ramalho & Resende (2006) e Marx & Engels (2007) são igualmente necessários.

Análise de Dados

De acordo com a crescente enfoque dado ao fortalecimento do *Facebook* na construção da realidade social e política, esse meio virtual tornou-se uma ferramenta

multifacetada. De acordo com o alcance desse meio virtual, é crescente a popularidade e a implementação de discursos de mídia, disseminados na rede. Dessa maneira, transporta e incorpora a *Teoria Sociocognitiva de Contexto* para esse meio, fazendo do ator social um disseminador de ideologias construídas a partir da memória cotidiana. Por se tratar da maior rede social, trata-se de uma rede virtual muito rentável, tanto para anunciantes do site, quanto para quem se encarrega de sua manutenção. Ou seja, faz-se importante entender que quanto mais acessos e atividades na plataforma, mais aquecido esse sistema torna-se e mais lucrativo:

Se a democratização do discurso e a personalização sintética podem ser ligadas a democratização substancial da sociedade, também estão ligadas de maneira controversa aos processos de marquetização e especificamente a aparente mudança no poder dos produtores para os consumidores que é associada ao consumismo e as novas hegemonias a ele atribuídas. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 130)

É interessante para o *Facebook*, portanto, que os internautas estejam sempre *logados*, disseminando discursos e ideologias conflitantes, a fim de que se prontifiquem a debatê-los. Em linhas gerais, as ideologias são de extrema necessidade para essa rede social, e a fim de relacionar e analisar os dados, é necessário dissecar esse conceito. A palavra *ideologia*, que permeia essa estrutura social, é, por assim dizer, “um texto tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais” (EAGLETON, 2001, p.16). Esse conceito será aqui analisado pela sua forma crítica e, para entendê-lo, apoiar-nos-emos em Terry Eagleton (2001). A ideológica crítica é, por sua vez, crenças que são motivadas pelos interesses sociais, ou seja, ratificam o pensamento dominante da sociedade.

Além disso, a ideologia se mostra operante para o ator social na medida da construção social e compreensão de mundo. A respeito disso, são incentivadas questões epistemológicas – questões relativas ao conhecimento – acarretando o conjunto de crenças orientadas para a ação. Fairclough (2001) ressalta que a prática ideológica transforma o significado de mundo e as relações de poder. Segundo ele, as práticas política e ideológica são dependentes uma da outra, “pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta por poder.” (FAIRCLOUGH, 2001, p.34)

A partir do resgate dos conceitos de ideologia e também do sistema social do *Facebook*, constata-se que o discurso nos moldes de classes dominantes, está atrelado a ações observadas nessa plataforma. Os dados escolhidos para análise foram charges, que já carregam significação por se tratar de um gênero questionador, de rápida leitura e de grande poder na abordagem de problemas sociais, políticos, etc.

Por serem essencialmente irônicos, representam aqui a própria ideologia fragmentária contra essa mesma ideologia. O gênero foi escolhido porque é possível perceber que diversas informações estão circunscritas, o que nos obriga a recorrer a processos de construção, de inferências e de analogias para compreendermos a sua totalidade:



(figura 1: Laerte)

A primeira imagem a ser analisada é uma charge retirada do *Facebook*, *Iconoclastia Incendiária*, criada pelo cartunista Laerte. Nela, está representado um papagaio “verborreando” impropérios preconceituosos, enquanto duas aves livres observam a condição do animal domesticado ao longe.

O papagaio é, sobretudo, um animal conhecido pela reprodução de um discurso ensinado pelo seu dono e também pelo entretenimento geral em repetir injúrias e assoviar.

Impossibilitado de qualquer capacidade intelectual para discernir o sentido dessas frases, o papagaio encontra-se preso à gaiola e não consegue libertar-se de tal situação.

A questão do discurso politicamente incorreto, - comportamento socialmente tido como inaceitável -, é vangloriado pelo papagaio. Nessa perspectiva, esse comportamento tende a ter repudiado por se tratar do rompimento de relações harmônicas entre indivíduos, gerando lugar à desumanização do ser e ao descumprimento da política de conduta moral, enfatizando a depreciação do outro necessária para a manutenção do poder.

O mesmo discurso utilizado para infringir os tidos bons costumes é agora contrariado pela quebra, com condescendência ao discurso difamatório. Esse processo aí observado diz respeito à concretização da ideologia de um grupo dominante, que gera uma ideologia massivamente reproduzida.

O ensino, relativo ao discurso reproduzido pelo papagaio, faz jus a um ensinamento prévio: ou de seu dono, ou da sociedade que o cerca, viabilizando assim uma falsa consciência, parte de um processo hegemônico de reprodução de discurso, incentivado de acordo com as elites sociais. Além disso, o objetivo de tais depreciações ensinadas ao papagaio é atingir indivíduos classificados de acordo com características de diferenciação de diferentes grupos minoritário – que partem da mesma regra de “enjaulados” do papagaio: minorias reprimidas e segregadas.

Portanto, a ideologia dessa charge, enquanto inversão da realidade, representa essa “falsa consciência” do protagonista do discurso, sendo ela uma expressão da existência, assim como demonstra o papagaio. Todavia, a ideologia tem um papel político que consiste em tentar impor ao conjunto massivo da sociedade um modo de vida. A mesma forma de inversão que acabamos de analisar, segundo o pressuposto de que a consciência que tem sido projetada ao passado – *Teoria Sociocognitiva de Contexto*-, pode-se considerar agora por outro ângulo, estudando o que adota quando as que se projetam no passado são as estruturas econômico-sociais (MARX & ENGELS, 2007).

Fairclough (2001) alega que “hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assumem formas econômicas, políticas e ideológicas.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122), ideia também é defendida por Thompson (1998). Lembrando disso, temos por coerência que o senso comum faz com que as

ideologias terminem por ser naturalizadas ou automatizadas, validadas pela repetição depreciativa – ou até mesmo discurso de ódio – legitimado pelo papagaio..

Ao retomá-lo, entende-se que o conceito de hegemonia da charge, encontrada no exclusivo discurso ensinado, propicia duas vertentes ao discurso: uma delas é a análise da prática social, - levando em conta as relações de poder e seu controle em reprodução e reestruturação de hegemonias -, e outra é a análise da própria prática discursiva como uma maneira de luta hegemônica, a qual consiste na concepção dialética da relação entre estruturas e eventos discursivos:

Isso fortalece o conceito de investimento político das práticas discursivas e, já que as hegemonias têm dimensões ideológicas, é uma forma de avaliar o investimento ideológico das práticas discursivas. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126)



(figura 2: Pockets)

A segunda imagem a ser inspecionada, o *Ciclo do Ódio*, foi retirada também do Facebook, da página *Iconoclastia Incendiária*, e, sobre ela, trataremos do emprego da

estratégia de aplicação ideológica de Thompson: o expurgo do outro e a diferenciação. Ao se lançar na rede, o indivíduo age de acordo com a ideologia incorporada, como já dito anteriormente.

Na imagem, podemos observar que o ciclo trata da relação entre os grupos minoritários: a segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante. A fragmentação aqui está presente na distinção gerada a partir das características do outro. E, como trata a estratégia de Thompson, a finalidade do discurso de ódio é sempre atingir o semelhante, ou seja, o próprio grupo a que pertencem: a minoria.

Segundo Marx e Engels (2007), a principal função da ideologia é ocultar a existência do conflito de classes. Este conflito cujas bases são as diferenças históricas e econômicas entre a classe dominante e a classe subalterna. Levando em conta que, para esses pensadores, a luta entre as classes sociais é o principal conflito, fazendo da luta dos grupos minoritários meramente um desvio de prioridade, justamente com o intuito de fragmentá-lo.

A partir das estratégias discursivas abordadas em Thompson(1998), a naturalização é uma dessas tentativa de justificar as desigualdades sociais, remetendo-se a supostas causas da natureza do homem. Sob a ótica do naturalismo, a situação de inferioridade econômica entre as pessoas ocorre devido a fatores como a etnia e o gênero. O racismo e a discriminação por gênero são, portanto, tentativas ideológicas de explicação da desigualdade social por meio do recurso à naturalização. O grupo social hegemônico, que se encontra no poder, beneficia-se desse recurso, para estabelecer uma hierarquização de grupos e colocar-se como topo dessa hierarquia.(MARX, ENGELS, 2007; RAMALHO & RESENDE, 2006)

Deixando de lado uma concepção tradicional e ingênua, segundo a qual o papel da mídia é informar, vemos que esse meio é não somente veiculador, mas produtor de sentidos, ou seja, apresenta resumos de fatos e fenômenos dos indivíduos e grupos sociais – atribui e reelabora significados, apresenta-nos de uma certa posição e perspectiva e dirige-se mais a algumas pessoas do que a outras. Temos assim uma hierarquização nesse trabalho. O que o *Facebook* faz, portanto, é um trabalho de construção da realidade. E para esse trabalho concorrem fatores de ordem ideológica. Aqui, voltamos à ideologia como a definiu J. B. Thompson (1998): a serviço do poder.

Resultados

Por intermédio da análise nas charges coletadas no *Facebook*, atesta-se que a manipulação nessa plataforma é, de fato, a mesma instituída nos instrumentos midiáticos ligados à veiculação de notícias e reprodução de discurso. A intertextualidade defendida por Fairclough faz-se presente, na medida em que o *Facebook* constitui-se de uma realidade transportada e de “enunciados —'textos' em meus termos — são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 134).

As charges ratificam que as estratégias de construção simbólica, principalmente a *fragmentação*, estão operantes e gradativamente em expansão, e, por conseguinte as minorias, se não conscientes da subversão dos grupos dominantes, perpetuarão os processos hegemônicos. O grande estigma *divide et impera* é o que torna o enfraquecimento das minorias um processo por pouco irreversível.

O discurso de um modo geral não favorece os grupos minoritários, antes ele opera, contribuindo, a seu modo, para o fortalecimento e a reprodução do preconceito, na medida em que exclui ou minimiza a visibilidade desses grupos no panorama público na rede, não prioriza questões de interesse dessas minorias ou vincula-ossistematicamente à falta de instrução, à pobreza, à violência, à perturbação da ordem, como forma de conflitá-las entre si. Sendo a mídia, em geral, e o *Facebook*, em particular, uma arena de luta política de primeira grandeza, as minorias estão em desvantagem no processo de participação política.

Referências

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis as a Method in Social Scientific Research*. In: WODAK, Ruth; MEYER. *Methods of critical discourse analysis*. Londres: Sage, 2005. p. 121-138.

_____. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Language and Power*. Londres: Longman, 1989.

GOUVEIA, Carlos M. A. *Análise crítica do discurso: enquadramento histórico*. Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos, Lisboa, p. 335- 351, 2001.

HALLIDAY, Michel A. L. *Language Structure and Language Function*.

- KRESS, G. *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KRESS, Gunther; HODGE, Robert. *Language as Ideology*. Londres: Routledge, 1979.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PEDRO, Emilia. *Análise do Discurso Crítica*. Lisboa: Caminho, 1998
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VAN DIJK, Teun A. *Analyzing racism through discourse analysis: Some methodological reflections*. In: STANFIELD, J. (Ed.). *Race and ethnicity in Research Methods*. Newbury Park, CA: Sage, 1993b. [p. 92-134]
- _____. *Critical Discourse Analysis*. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D.; HAMILTON, H. (Eds.). *Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell, 2001. [p. 352-371.] _____.
- _____. *Elite Discourse and Racism*. Newbury Park: Sage, 1993a.
- _____. *Ideology and discourse analysis*. *Journal of Political Ideologies*, v. 11, p. 115-140, 2006.
- _____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012.